

OS JOGOS OLÍMPICOS JAMAIS FORAM MODERNOS: UM ENSAIO DA ANTROPOLOGIA SIMÉTRICA AO LONGO DA HISTÓRIA OLÍMPICA¹

Carlos Roberto Gaspar Teixeira²

Roberto Tietzmann³

Resumo: Esse artigo tem como objetivo analisar, a partir de Bruno Latour (1994) e sua obra *Jamais fomos modernos*, como ocorre ao longo do tempo a representação dos não-humanos – como os objetos, por exemplo – no contexto dos Jogos Olímpicos. Foi realizado um resgate histórico de alguns momentos olímpicos marcantes, assim como uma investigação acerca das imagens do perfil oficial dos Jogos Olímpicos no Instagram. Este repertório Olímpico foi então analisado pelo método latourniano da antropologia simétrica a partir dos conceitos de humanos, não-humanos e modernidade do mesmo autor. Desse modo, foi possível identificar a presença relevante dos não-humanos durante a história olímpica, buscando estabelecer o equilíbrio analítico proposto por Latour, permitindo considerar que os Jogos Olímpicos jamais foram modernos, de acordo com a proposta do autor.

Palavras-chave: Antropologia simétrica; Bruno Latour; Jogos Olímpicos; Instagram, Redes Sociais.

The Olympic Games have never been modern: an essay on the symmetrical anthropology throughout Olympic history

Abstract: This article aims to analyze, from a perspective of Bruno Latour (1994) in his book “We have never been modern”, how the representation of non-humans – as the objects, for example – occurs over the time in the context of the Olympic Games. A historical recollection of some remarkable Olympic moments was undertaken, as well as an examination of the images posted on the official Olympic Games Instagram profile. This Olympic repertory was analyzed using the Latournian method of symmetrical anthropology and his concepts of humans, nonhumans, and modernity. This way, it was possible to identify the relevant presence of nonhumans along the Olympic history, establishing the analytical balance proposed by Latour, concluding that the Olympic Games have never been modern, according to the author's proposal.

Keywords: Symmetric Anthropology; Bruno Latour; Olympic Games; Instagram; Social Media.

Los Juegos Olímpicos nunca han sido modernos: un ensayo de la antropología simétrica a lo largo de la historia olímpica

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar, a partir de Bruno Latour (1994) y su obra “Nunca hemos sido modernos”, como ocurre a lo largo del tiempo la representación de los no humanos – como los objetos, por ejemplo – en el contexto de los Juegos Olímpicos. El análisis se ha realizado a través de una reconstrucción histórica de algunos emblemáticos momentos olímpicos. Así como, de una investigación sobre las imágenes presentes en el perfil oficial de los Juegos Olímpicos en Instagram. Este repertorio Olímpico ha sido analizado por el método latourniano de la antropología simétrica a partir de los conceptos de

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutorando em Comunicação Social pela PUCRS na Escola de Comunicação, Artes e Design – Famedcos. E-mail: eu@ocarlosteixeira.com.br.

³ Doutor em Comunicação Social e Docente da PUCRS, pesquisador no PPGCOM e PPGL e coordenador do grupo de pesquisa ViDiCa - Cultura Digital Audiovisual. E-mail: rtietz@puhrs.br.

humanos, no humanos y modernidad. De este modo, ha sido posible identificar la presencia relevante de los no humanos durante la historia olímpica, visando establecer el equilibrio analítico propuesto por Latour, el cual, nos permite considerar que los Juegos Olímpicos jamás han sido modernos.

Palabras clave: Antropología simétrica; Bruno Latour; Juegos Olímpicos; Instagram; Redes Sociales.

O ensaio da antropologia simétrica em Jamais fomos modernos de Bruno Latour

Na obra *Jamais fomos modernos*, Bruno Latour (1994) apresenta um ensaio do que seria sua proposta de antropologia simétrica. Ao analisar a sociedade chamada de moderna por uns e pós-moderna por outros, o filósofo desenvolve uma crítica e reflexão no modo como o conhecimento vem sendo construído ao longo do tempo, onde a natureza e o social (representado pelo sujeito, sociedade e cultura) são tratados separadamente. A hipótese do ensaio argumenta a existência de duas práticas modernas antagônicas que ocorrem simultaneamente: tradução e purificação. A tradução permite a mistura de seres de gêneros totalmente diferentes, resultando na “proliferação dos híbridos”, que seriam os entes totalmente novos que se encontram entre natureza e cultura. As práticas de purificação seriam aquelas que criam duas zonas ontológicas distintas, a dos humanos e a dos não humanos. Esses dois movimentos constituem um paradoxo que o autor define como constituição moderna, onde ao ignorar a existência de entes híbridos por meio da purificação mais se permite sua multiplicação. Quanto maior a insistência em afastar humanos de não-humanos, mais os híbridos se reproduzem, por isso é necessário reconstruir essa separação, já que sem isso jamais conseguiremos ser ao menos modernos (LATOURE, 1994).

Ao considerar que essa divisão tem sido analisada de forma assimétrica, com um viés muitas vezes definido pelo humanismo, o autor (ibidem) argumenta que se o pensamento social continuar sendo realizado pelo contraste com os objetos, não serão compreendidos nem os humanos nem não-humanos. É baseado na exclusão dessa distinção que é proposta a ideia de simetria. Até hoje somente os seres humanos serviram como “testemunhas científicas”, apesar dos não-humanos também serem atores significativos nas relações sociais e culturais. Ao considerar igualmente os quase-objetos, torna-se possível fazer uma análise diferente e mais profunda. O primeiro princípio de simetria proposto pelo autor (LATOURE, 1994, p. 93) “oferece a incomparável vantagem de livrar-nos dos cortes epistemológicos, das separações a priori entre ciências ‘sancionadas’ e ciências ‘proscritas’, e das divisões artificiais entre as sociologias do conhecimento, da crença e das ciências”. A ideia é buscar uma postura antropológica amparada no princípio da simetria generalizada, acompanhando ao mesmo tempo as atribuições tanto de propriedades humanas quanto de não-humanas (CALLON, 1986), posicionando-se no meio dessa divisão entre natureza e sociedade. A antropologia proposta por Latour (1994, p. 101) ocupa uma posição triplamente simétrica:

[...] explica com os mesmos termos as verdades e os erros – é o primeiro princípio de simetria; estuda ao mesmo tempo a produção dos humanos e dos não-humanos – é o princípio de simetria

generalizada; finalmente, ocupa uma posição intermediária entre os terrenos tradicionais e os novos, porque suspende toda e qualquer afirmação a respeito daquilo que distinguiria os ocidentais dos Outros.

O objetivo da antropologia simétrica não é apenas regular essa balança desequilibrada em um ponto central, mas, no final das contas, encontrar as assimetrias e diferenças, para então compreender os meios práticos que permitem um tipo de coletivo dominar outro. Esses coletivos podem ser, por exemplo, uma rede de satélites, um aglomerado de galáxias, uma fogueira de gravetos, etc., quase-objetos totalmente distintos que traçam ao mesmo tempo formas da natureza e da sociedade, e que precisam ter suas diferenças reconhecidas. As ciências e as técnicas multiplicam os não-humanos que estão envolvidos na construção dos coletivos, tornando mais íntima a comunidade que formamos com estes seres. Esse processo reinicia uma redefinição do corpo social, de sujeitos e de objetos, construindo coletivos cada vez maiores (LATOUR, 1994).

Para entender como esses coletivos se relacionam, o autor sugere a utilização de um “relativismo relativo”. No relativismo absoluto, torna-se impossível comparar coisas diferentes, já que não pode existir uma medida absoluta capaz de mensurá-las ao mesmo tempo. Com o relativismo relativo, Latour (1994) afirma ser possível se afastar do universal, permitindo estabelecer relações, compreendendo a rede como um todo e suas diferenças. Na antropologia simétrica latourniana o importante é analisar as relações e não as coisas separadas. Para isso, humanos e não-humanos devem receber o mesmo peso, não utilizando elementos sociais para explicar as coisas na natureza e nem elementos científicos para estudar a política, encontrando assim as diferenças e relações entre os dois campos.

E, de fato, se a rede intermediária formada pelos quase-objetos não for reconstruída, torna-se difícil compreender tanto a sociedade quanto a verdade científica, ambas pelas mesmas razões. Os intermediários que foram apagados sustentavam tudo, enquanto que os extremos, uma vez isolados, não são mais nada (LATOUR, 1994, p. 118).

Desse modo, Latour (1994, p. 140) constitui o “Parlamento das coisas”, apelando para que os não-humanos, coisas, objetos, ou quase-objetos façam parte das reflexões que até então se concentravam prioritariamente nas relações humanas, “queremos que a triagem meticulosa dos quase-objetos torne-se possível, não mais de forma oficiosa e em surdina, mas sim oficialmente e publicamente”. Ao propor o ensaio da antropologia simétrica, o autor busca ampliar a visão altamente antropocentrista, dando espaço para aqueles elementos além do homem. Com o “Parlamento das coisas” se recompõe a continuidade dos coletivos, os mediadores conquistam todo o espaço, as sociedades estão presentes, todavia acompanhadas com os objetos que sempre as sustentaram.

A crítica latourniana (1994) declara que a modernidade nunca se concretizou. A atribuição do adjetivo “moderno” serviu para assinalar um novo regime, uma ruptura de tempo, para dividir vencedores e perdedores, dividir antigos e modernos. Os híbridos, os mistos aos quais desistimos de

explicar são quase tudo, eles compõem não apenas nossos coletivos, mas também os outros, chamados de pré-modernos ou antigos. Esse é o pensamento que jamais nos permitirá ser modernos, a antropologia simétrica é a sugestão do autor para que essa “fase” seja entendida e somente assim alcançada ou superada.

Esse artigo propõe realizar uma análise inicial dos não-humanos dentro da história dos Jogos Olímpicos, amparando-se na antropologia simétrica de Latour (1994), tencionando as reflexões do autor acerca da modernidade com as “eras históricas” estabelecidas tanto pelo Comitê Olímpico Internacional quanto por autores que estudam as competições olímpicas, que dividem nominalmente os Jogos Olímpicos entre Antigos e Modernos. Apesar do teor crítico da obra latourniana, o objetivo aqui é estabelecer uma reflexão acerca dos Jogos Olímpicos, não pelo viés antropocentrista, mas analisando exclusivamente a presença dos não-humanos nessa complexa rede milenar. Ao focar naquilo que não é humano, o intuito é estabelecer um equilíbrio na balança das relações buscando identificar que tais atores são parte importante dentro desse processo. Por fim, é proposto um levantamento da presença não-humana dentro das representações olímpicas digitais realizadas pelo perfil oficial dos Jogos no Instagram a fim de identificar sua recorrência dentro da atualidade.

Analisando a simetria no Instagram oficial dos Jogos Olímpicos

Ao buscar uma análise simétrica é possível observar a importância dos não-humanos desde a antiguidade olímpica. Durantez (1975) reconstrói um entendimento aprofundado dos Jogos Olímpicos antigos com um viés arqueológico apresentando os mais variados objetos que permitem contar a história olímpica antiga. Apesar do centro desses eventos ser prioritariamente o homem, os objetos foram fundamentais para a reconstrução da história da antiguidade olímpica. Tal fato já denota a importância, não só arqueológica, mas também cultural, comunicacional e social desses artefatos.

Buscando resgatar os não-humanos no desenvolvimento olímpico contemporâneo é possível identificar elementos de destaque que perpassaram da antiguidade até a atualidade, como as medalhas, a chama olímpica e os equipamentos esportivos. Desde seus primórdios, as competições olímpicas contemplavam os vencedores com algum tipo de premiação simbólica. Os atletas também recebiam benefícios como dinheiro, poemas e versos líricos, estátuas, placas, etc. (DURANTEZ, 1975; YALOURIS, 2004). Todavia, para a presente análise, considera-se a medalha olímpica como um não-humano de significativa representação simbólica, sendo o principal objeto que retrata as conquistas ao longo dos tempos. As medalhas foram instituídas como premiação na primeira edição dos Jogos de 1896, se transformando em um dos objetos mais representativos na história olímpica, podendo ser considerada o não-humano mais cobiçado dentro do contexto esportivo.

Outro não-humano representativo na história olímpica foi o fogo, que sempre teve um importante simbolismo na vida do homem. Os gregos o

tinham como um elemento sagrado de origem divina, sempre aceso em frente seus principais templos. Em Olímpia, uma chama era permanentemente queimada no altar frontal do prédio onde os atletas eram homenageados ao final dos Jogos. A chama olímpica se constituiu como um lembrete aos eventos antigos, e inspirada nessas práticas milenares, o revezamento da tocha – que acontece desde 1936, com o transporte da chama, passando de mão em mão entre pessoas e cidades do mundo inteiro, até chegar na cidade-sede – também surge como um poderoso símbolo de compreensão e fraternidade entre os povos (OLYMPIC MUSEUM, 2013). Ao realizar uma visão simétrica conforme Latour (1994), cabe inferir que dentro todos os não-humanos envolvidos na história olímpica, a medalha e a chama/tocha apresentam destaque simbólico que perpassa eras.

Os equipamentos esportivos são o terceiro ponto a ser ressaltado na “busca histórica pela simetria”, podendo ser considerados menos simbólicos e mais materiais. As primeiras modalidades olímpicas eram provas de corrida, depois delas o pentatlo é a mais antiga competição. Essa prática esportiva reunia cinco provas em um único dia, onde além da corrida, contava com o lançamento de disco, salto em distância, lançamento de dardo e luta (SWADDLING, 1999). Nessa modalidade observa-se a presença direta de elementos não-humanos dentro das competições: o dardo e o disco. A prova pode ser considerada a origem das mais variadas modalidades olímpicas. Em 1896, com a retomada dos Jogos Olímpicos, a proliferação desses quase-objetos continuou, onde o programa oficial apresentava constantemente novos não-humanos, como os obstáculos inseridos em corridas, a vara no salto, o peso no arremesso, barras e cavalo na ginástica, assim como modalidades que exigiam outros equipamentos, como esgrima, tiro, ciclismo e remo (MÜLLER; TODT, 2015).

Na busca por uma “análise simétrica” da história atual dos Jogos Olímpicos, alguns fatos olímpicos podem ser destacados por enfatizar a representatividade de elementos não-humanos. Cabe esclarecer que, conforme menciona Latour (1994), a proliferação dos híbridos é espantosa assim como sua capacidade de relação. Diversos são os quase-objetos que poderiam aqui ser analisados – como os tecnológicos e comunicacionais por exemplo, que têm relação e importância direta com as competições olímpicas. Contudo, o enfoque será naqueles objetos que possuem uma relação física com aqueles historicamente considerados os principais e mais participativos agentes no contexto olímpico: os atletas. Gumbrecht (2007) elenca, entre outras coisas, “os instrumentos que aumentam o potencial do corpo”, comumente existentes na prática esportiva, como fatores primordiais para a construção estética e fascinante das imagens atléticas.

Ao analisar os Jogos Olímpicos Modernos, alguns outros objetos tiveram destaque dentro das competições. Nos Jogos de Roma 1960, o até então desconhecido atleta etíope Abebe Bikila tornou-se o primeiro africano a conquistar uma medalha de ouro. O que chamou a atenção foi o fato do atleta ter corrido a maratona sob o escaldante sol romano completamente descalço (COI, 1960; JUDAH, 2008). Nesse caso, além do atleta, a ausência do tênis foi destaque. Outro não-humano protagonista durante edições olímpicas foi o maiô usado pelos nadadores em Sidney 2000, que ficaram famosos por apresentar tecnologias em seus tecidos que possivelmente

impactavam diretamente no desempenho dos atletas que os vestiam (CRAIK, 2011; RIBEIRO; SANCHES; VICENTINI, 2000). Esses fatos exemplificam o impacto dos não-humanos na ampliação da repercussão social e cultural. Tanto as sapatilhas quanto os trajes de banho estão em constante evolução, ao observar esses dois exemplos apresentados é possível inferir que os não-humanos são atores influentes dentro das mais variadas relações, sejam elas esportivas, culturais, comerciais ou até mesmo sociais, contribuindo com os argumentos de proliferação dos híbridos apresentados por Latour (1994).

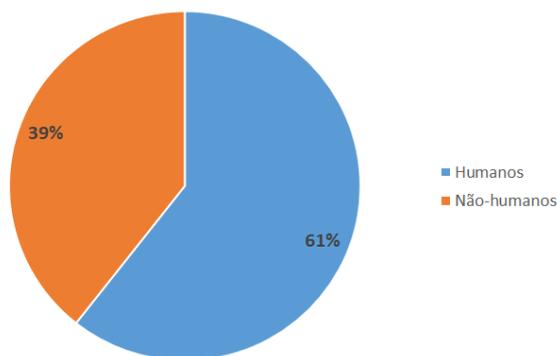
Para buscar ampliar um aprofundamento representativo dos não-humanos na atualidade olímpica se propõe então uma análise de sua atual presença. Para refletir sob um viés mais recente, sugeriu-se um objeto digital: as imagens do Instagram oficial do Comitê Olímpico Internacional⁴. O Instagram foi a plataforma escolhida por ser uma das redes sociais de maior crescimento, dobrando seu número de usuários nos últimos dois anos, atingindo a marca de 1 bilhão (CONSTINE, 2016; ALVAREZ, 2018). Além disso, seu caráter altamente visual (foco em imagens fotográficas ou vídeos) permite uma análise da representatividade e da presença dos não-humanos, assim como uma relação com o pressuposto histórico anteriormente discutido. A amostra final de imagens contou com todas as postagens realizadas pelo perfil @olympics, desde a primeira no dia 20 de maio de 2012 até o final do mês de fevereiro de 2018 – encerramento dos Jogos Olímpicos de Inverno em Pyeongchang. Ao total foram 2.209 publicações, entre fotos e vídeos, onde o corpus da análise foi constituído apenas pelas imagens de abertura da postagem (descartando os vídeos e demais fotos de publicações carrossel⁵), totalizando 1.681 fotos. As postagens foram divididas de acordo com o tipo de imagem:

- a) Humanos: Todas aquelas fotos onde aparecem pessoas (sejam elas atletas, torcedores, espectadores, etc.) como foco principal, em primeiro plano ou em multidão.
- b) Não-humanos: Imagens em que não aparecem seres humanos, planos fechados que evidenciam outro elemento que não as pessoas (um close de uma mão segurando uma medalha por exemplo) ou planos muito abertos cujo o foco é a amplitude da cena (imagens das cerimônias de abertura em um estádio por exemplo).

Assim foi elaborado o gráfico 1, onde é possível observar a frequência de cada tipo de postagem segundo a divisão proposta.

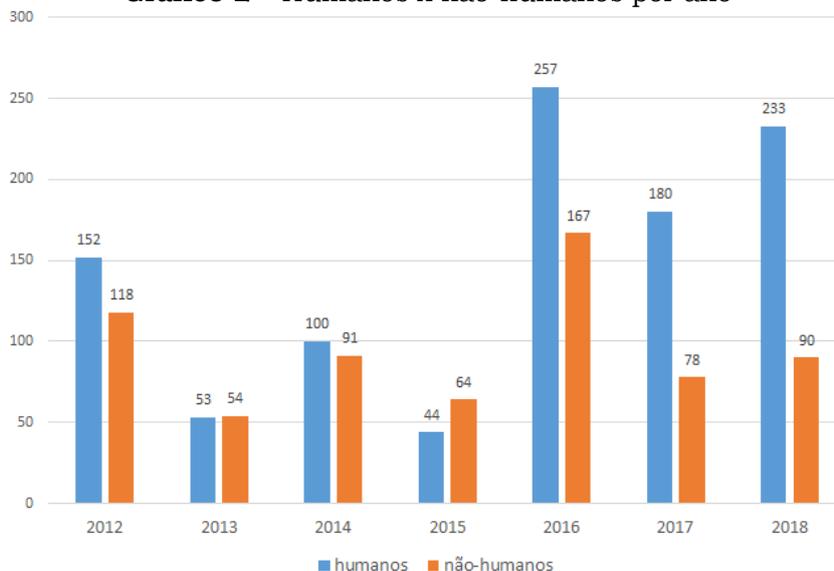
⁴ O perfil oficial do COI conta com mais de 1.8 milhões de seguidores e existe desde 2012 quando foram realizados os Jogos de Londres, seu acesso está disponível em: <<https://www.instagram.com/olympics/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

⁵ O Instagram permite compartilhar até 10 fotos ou vídeos em uma única publicação, esse formato é chamado de carrossel. Mais informações em: <<https://help.instagram.com/269314186824048?helpref=search&sr=1&query=carrossel>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

Gráfico 1 – Humanos x não-humanos no Instagram @olympics

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das coletas no perfil @olympics no Instagram.

Ao dividir as imagens que contêm foco nos humanos e não-humanos (gráfico 1), se identificou que, apesar da maior parte apresentar os humanos em destaque (61%), o número de ocorrências de não-humanos foi relevante (39%). Ao considerar os Jogos Olímpicos como uma prática altamente antropocentrada, chama a atenção que mais de um terço das publicações representem elementos além do homem. Todavia, ao realizar um corte temporal por ano, foi possível inferir uma alteração de tendência, como pode ser observado no gráfico 2.

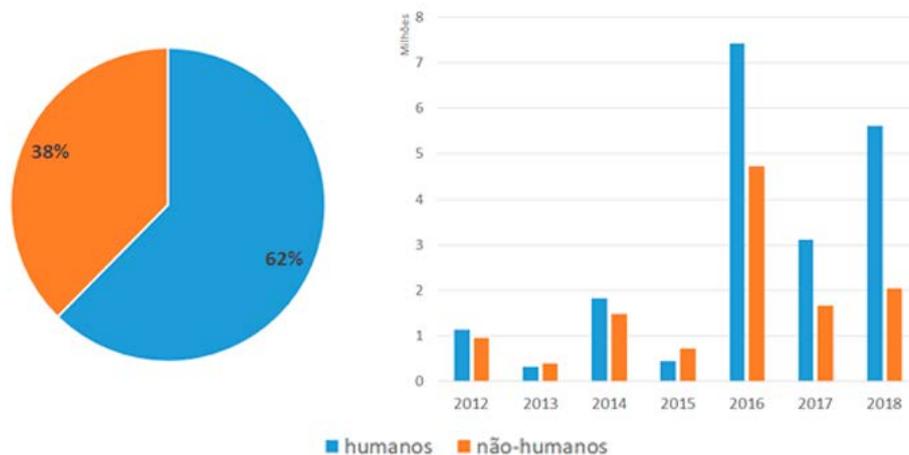
Gráfico 2 – Humanos x não-humanos por ano

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das coletas no perfil @olympics no Instagram.

Ao separar as imagens anualmente se observou que o número de fotos com humanos e não-humanos no Instagram olímpico vem sendo menos igualitário ao longo dos anos. Desde seu lançamento em 2012 até 2015, a quantidade de fotos apresentava uma certa proporcionalidade – uma suposta “simétrica” considerável. Entretanto, a partir dos Jogos Rio 2016, a presença humana passou a ser mais efetiva, atingindo nos dois primeiros meses de 2018 mais que o dobro de fotos com humanos em relação aos não-humanos.

No gráfico 3 foi registrado a quantidade de curtidas em cada tipo de postagem (geral e por ano), onde pôde ser identificado uma frequência de curtidas similar à quantidade de postagens.

Gráfico 3 – Curtidas Humanos x não-humanos – Percentual geral e evolução por ano

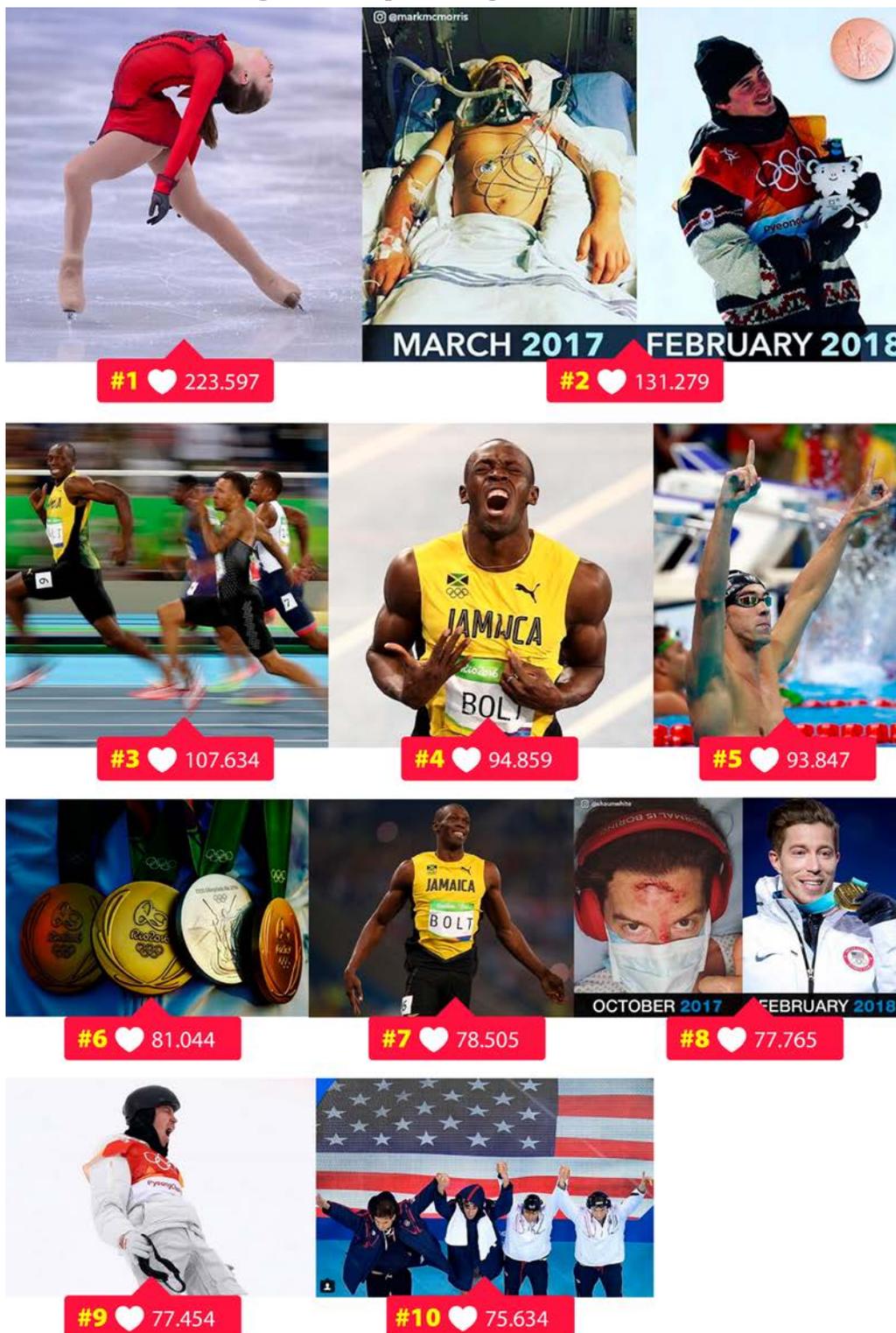


Fonte: Elaborado pelo autor a partir das coletas no perfil @olympics no Instagram.

Ao total foram mais de 31 milhões de curtidas distribuídas entre as imagens analisadas, com 62% para fotos com humanos e 38% para imagens de não-humanos. As curtidas por ano também se distribuíram quase que proporcionalmente à quantidade de postagens.

Porém, ao verificar o ranking das 10 imagens mais curtidas (imagem 3), apenas uma imagem com não-humanos foi encontrada, ocupando a 6ª posição com aproximadamente 81 mil curtidas. É possível depreender que as fotos preferidas pelos usuários são aquelas que apresentaram imagens dos atletas vencedores. A primeira foto mais curtida, imagem 3 (#1), foi a única em que não se identificou claramente tratar-se de uma campeã olímpica ou não, onde o enfoque aparentou priorizar o movimento e elasticidade da atleta. As demais imagens humanas mostraram grandes campeões olímpicos. Histórias de superação indicaram possuir um apelo visual explorado pelo perfil. A imagem 3 (#2) expôs uma montagem de duas fotos do atleta de *snowboard* Mark McMorris: no lado esquerdo ele hospitalizado em 2017 após sofrer um acidente que deixou sua carreira em risco, onde ficou em coma e quebrou 17 ossos, na direita o momento da conquista da medalha de ouro em 2018. De forma semelhante, as imagens #8 e #9 (imagem 3) mostram outro *snowboarder*, Shaun White, após sofreu uma grave queda em um treinamento alguns meses antes dos Jogos quase impedindo sua participação nas competições, por fim ele melhorou e conquistou o ouro olímpico também em 2018. Já as imagens #3, #4 e #7 (imagem 3) contam com Usain Bolt, um dos maiores atletas da história olímpica, assim como as imagens #5 e #10 (imagem 3) exibem respectivamente Michael Phelps e a equipe de revezamento da natação americana. A única imagem não-humana entre as mais curtidas foi a foto #6 (imagem 3), que apresentou algumas medalhas olímpicas sem referenciar diretamente algum atleta, mas igualmente com um intuito simbólico de representação da vitória.

Imagem 3 – Top 10 imagens mais curtidas



Fonte: Elaborado pelo autor a partir das coletas no perfil @olympics no Instagram

A imagem 4 mostra um mosaico de fotos das postagens que ilustram exemplos das publicações mais recorrentes, sendo possível identificar alguns agrupamentos específicos presentes na coleta e análise.

Imagem 4 – Mosaico de imagens coletadas

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das coletas no perfil @olympics no Instagram.

Dentro do agrupamento dos humanos foi comum encontrar fotos que mostravam a prática esportiva, competições e treinamentos, assim como retratos e *selfies* com atletas. Também foram coletadas muitas fotografias com closes específicos de partes do corpo, normalmente executando alguma ação esportiva específica ou apresentando o símbolo dos anéis olímpicos em tatuagens ou equipamentos, assim como referências aos países, seja com a imagem das bandeiras ou suas cores. O método de divisão foi simplificado

para a presença visual focada em humano ou não, entretanto vale ressaltar a existência de uma subjetividade interpretativa das fotos, como aparece na categoria “Humanos e Não-humanos”, onde frequentemente a relação entre ambos foi tão estreita que tornou difícil identificar se o foco da imagem era na pessoa ou no objeto. Ao analisar especificamente a divisão dos não-humanos foi comum encontrar imagens de equipamentos esportivos, assim como medalhas e referências a chama/tocha olímpica. Contudo, outro quase-objetivo muito simbólico dentro do contexto olímpico teve destaque: os anéis olímpicos. De acordo com a Carta Olímpica (COI, 2018), esse símbolo foi lançado oficialmente em 1920 e é considerado o embaixador visual do Olimpismo, representando a união dos cinco continentes e o encontro de atletas de todo o mundo nos Jogos Olímpicos. Esse símbolo esteve presente na coleta, seja em representação visual da inscrição do signo – conforme citado anteriormente, exemplificado pela categoria “Humanos em close” – ou pela sua presença em objetos específicos, tanto aqueles que replicam o ícone como os que reproduzem sua forma material ou representativa – tendo como exemplo a categoria “Anéis Olímpicos”. Existiram também fotografias das cerimônias ou eventos, sem representar um grupo de humanos específico, com foco prioritário em apresentar uma possível “estética não-humana” das celebrações olímpicas, como mostra a categoria “cerimônia e eventos”.

Considerações finais

O ensaio da antropologia simétrica sugerido por Latour (1994), apesar de crítico e questionável, apresenta uma proposta metodológica de aplicação fértil. Ao buscar entender as relações sociais existentes equilibrando o antagonismo que distancia humanos de não-humanos, torna-se possível entender a suposta relevância dos “quase-objetos”, que talvez antes não fosse viável pela visão antropocentrista construída ao longo do tempo. Quando se pesquisa esporte, mais especificamente os Jogos Olímpicos – um dos acontecimentos esportivos mais antigo da humanidade – foi possível ao refletir acerca da proposta latourniana, tencionando a centralidade humanística que o esporte carrega com a influência efetiva dos não-humanos nessa relação, identificar e comparar os pressupostos apresentados pelo autor.

É possível aplicar a visão de Latour e questionar se os Jogos Olímpicos são efetivamente modernos. Principalmente quando se considera o ponto de vista do autor de que sem a busca pelo equilíbrio completo entre o papel de humanos e não-humanos – analisando igualmente todos os atores que compõe essa relação – esse processo se torna inviável. Como o próprio autor argumenta, a modernidade atua como uma espécie de rótulo aplicado para transpor uma etapa que não foi completamente entendida, muito menos superada. Nesse sentido, a divisão entre Jogos Olímpicos Antigos e Modernos parece de algum modo se adequar a esse entendimento. Depois de anos esquecidos, os Jogos foram retomados e reestabelecidos com uma “nova roupagem”, sendo socialmente instituídos como “modernos”. Em contrapartida, é compreensível essa nomenclatura, tendo em vista o longo tempo transcorrido, mais de 1.500 anos, transportando o evento que iniciou na era antes de Cristo para um novo milênio. Cabe também ressaltar que

muitos foram os avanços, modificações e adaptações que as competições e os eventos olímpicos sofreram nessa retomada, o que de um certo modo legitima essa nova conceituação chamada de Jogos Olímpicos Modernos.

Apesar da relevância dos não-humanos nas relações sociais e culturais, ao analisar um suposto comportamento da era digital, focado no Comitê Olímpico Internacional e representado por sua conta oficial no Instagram, observou-se uma “retomada antropocêntrica” por meio de suas publicações. Os humanos continuam como os atores mais presentes nos registros olímpicos, e, além disso, são eles que ainda possuem hipoteticamente um maior “potencial de engajamento” – representado pela análise no número de curtidas. Ou seja, o que as pessoas procuram nas representações visuais olímpicas são imagens humanas, possivelmente por encontrar algum tipo de identificação. Evidentemente os não-humanos estão presentes, e ainda é necessário analisar essa presença mais profundamente, todavia o contexto altamente humano continua sendo mais significativo. Apesar disso, é viável concordar com Latour: as relações sociais são tão intrínsecas que não são raros os momentos em que se torna difícil diferir o que é homem e o que é objeto, ou quase-objeto, nesse emaranhado de relações sociais. Se os Jogos Olímpicos efetivamente são ou nunca chegaram a ser modernos não é o fundamental a se concluir, o que parece importar é a reflexão inicial acerca desse evento esportivo, desde seus primórdios até os tempos mais atuais, onde os não-humanos têm uma participação considerável e talvez ainda não sejam reconhecidos como atores fundamentais nesse processo. A presente pesquisa buscou demonstrar que, concordando ou não, a busca pela simetria antropológica traz reflexões e tensionamentos válidos no momento atual, independente deste ser antigo, moderno ou pós-moderno.

Referências

ALVAREZ, Edgar. Instagram reaches 1 billion monthly users. *Engadget*, 20 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.engadget.com/2018/06/20/instagram-1-billion-users>>. Acesso em 26 jun. 2018.

CALLON, Michel. Elements pour une sociologie de la traduction. La domestication des coquilles Saint-Jacques et des marins pecheurs en baie de Saint-Brieuc, *L'Annee sociologique*, vol. 36, 1986. p. 169-208.

COI. Barefooted Bikila steps in for heroic marathon triumph. *Comitê Olímpico Internacional*, 1960. Disponível em: <<https://www.olympic.org/news/barefooted-bikila-steps-in-for-heroic-marathon-triumph>>. Acesso em: 1 jul. 2018.

COI. The Olympic Rings. *Comitê Olímpico Internacional*, 2018. Disponível em: <<https://www.olympic.org/olympic-rings>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

CONSTINE, Josh. Instagram’s growth speeds up as it hits 700 million users. *Tech Crunch*, 26 abr. 2017. Disponível em:

<<https://techcrunch.com/2017/04/26/instagram-700-million-users>>. Acesso em 26 jun. 2018.

CRAIK, Jennifer. The fastskin revolution: from human fish to swimming androids. In: *Culture Unbound: Journal of Current Cultural Research*, 2011. p. 71-82. Disponível em: <<https://eprints.qut.edu.au/98305/7/craik.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

DURANTEZ, Conrado. *Olímpia e los Juegos Olímpicos antiguos*. Madrid: Delegacion Nacional de Educacion Física e Desportes, Comitê Olímpico Espanhol, 1975.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JUDAH, Tim. *Bikila: Ethiopia's Barefoot Olympian*. Londres: Reportage Press, 2008.

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MÜLLER, Norbert; TODT, Nelson Schneider. (Orgs.). *Pierre de Coubertin (1863-1937) – Olimpismo: seleção de textos*. Lausanne, Porto Alegre: Comitê Internacional Pierre de Coubertin, EdiPUCRS, 2015.

OLYMPIC MUSEUM. The Olympic Flame and The Torch Relay. *IOC The Olympic Museum*, Lausanne, 2013. Disponível em: <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Documents/Document-Set-Teachers-The-Main-Olympic-Topics/The-Olympic-Flame-and-Torch-Relay.pdf#_ga=2.214582676.2009535184.1529957747-1421167833.1529756720>. Acesso em: 26 jun. 2018.

RIBEIRO, Maria C. B. C.; SANCHES, Regina A.; VICENTINI, Claudia R. G. Maiôs nos Jogos Olímpicos. In: MELLO, Paulo C. B.; FONSECA, Reinaldo (Orgs.). *Arte, Novas Tecnologias e Comunicação: Fenomenologia da Contemporaneidade*. São Paulo: CIANTEC, 2000. Disponível em: <<http://www.ciantec.net/books/CIANTEC2010.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SWADDLING, Judith. *The ancient olympic games*. Austin: University of Texas, 1999.

YALOURIS, Nicolaus. *Os Jogos olímpicos na Grécia antiga*. São Paulo: Odisseus, 2004.

Recebido em 24 de janeiro de 2019
Aprovado em 31 de março de 2019